

A CASTRAÇÃO REAL NO CANGAÇO: NOTA PRÉVIA A ESTUDO DE CASO

*Frederico Pernambucano de Mello**

SUMÁRIO

Como o título sugere, narra um episódio de castração cometido pelo famoso cangaceiro Virgínio Fortunato, no município de Buíque, Pernambuco, situando-o não num contexto jurídico-criminal, mas no plano do mito expresso pela frase que caracterizou os primeiros habitantes do Brasil: “Eles vivem sem lei nem rei e são felizes!”. Teoriza que o fenômeno do cangaço seria a “expressão mais agreste de um irredentismo reagente à invasão colonial européia”, “uma janela aberta para o instinto brasileiro profundo”.

Palavras-chaves: cangaço, Pernambuco, mito, banditismo, violência.

Lampião, que exprime o cangaço, é um herói popular do Nordeste. Não creio que o povo o ame só porque ele é mau e bravo. O povo não ama à-toa. O que ele faz corresponde a algum instinto do povo (...).

As atrocidades dos cangaceiros não foram inventadas por eles, nem constituem monopólio deles. Eles aprenderam ali mesmo, e em muitos casos, aprenderam à própria custa. (Rubem Braga, *O conde e o passarinho*, Rio de Janeiro: J. Olympio Ed, 1935, p. 66 e 68)

O dia 19 de maio de 1936, uma terça-feira, poderia ter sido igual a todos os outros no arruado do Morro Redondo, distrito de Catimbau, do município de Buíque, Pernambuco, com a população – toda ela

* Historiador e pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco. fpmello@fundaj.gov.br

conhecida entre si, quando não aparentada ou unida pelo compadrio – entregue às fainas monótonas da vaqueirice e do traço do algodão e da mamona. Pelas duas horas da tarde, quase todos já tinham almoçado, o silêncio é quebrado desde longe por aboios e rinchos de jumento, num crescendo de tropel de cavalos em disparada. Todos atribuem a aproximação rápida a vaqueiros, com seus chapelões de couro, e se tranqüilizam, ainda que curiosos por tanto barulho, tão de repente.

Logo os fatos iriam mostrar que estavam enganados, que não se tratava de vaqueiros farreando alegremente e que o lugarejo humilde, arredado do mundo e até mesmo das trilhas do cangaço, estava sendo ocupado por uma das frações mais brutais do bando de Lampião, a que era comandada pelo cunhado do chefe, o não menos famoso cangaceiro Virgínio Fortunato, o Moderno. O grupelho de dez pessoas integrava-se de oito homens, com o chefe, e duas mulheres, todos a cavalo – o que denotava estarem seguros da ausência da polícia – deslocando-se divididos taticamente em três frações separadas entre si por cerca de 500 metros. No *coice*, apenas o chefe Virgínio, em companhia das mulheres, inclusive a sua própria, a bela Durvalina Gomes, a Durvinha, a quem a cabroeira tratava por Maria Bonita para disseminar o pavor de que Lampião, em pessoa, estivesse por perto, e mais Rosalina, a Doninha, mulher do cabra Rio Branco. O cangaceiro Moreno, de coragem comprovada, lugar-tenente do chefe, fazia a *cabeceira* ou vanguarda com mais dois cabras. Todos tinham-se juntado momentaneamente para a atropelada em direção ao Morro Redondo, cientes de que surpresa e pavor eliminam reações. Ali estavam, no cáqui ou na mescla azul dos uniformes vistosos, além de chefe e lugar-tenente, os cangaceiros Chumbinho (o segundo), Jararaca (o segundo), Ponto Fino (o segundo), Serra de Fogo, Canário e Rio Branco, alguns *paisanos* do lugar arriscando que no mato, à espreita para possível ação de retaguarda, teria ficado o cabra Azulão (o segundo). Um deles conduzia uma harmônica nova.

As missões de rapina, chamadas pelos cangaceiros de *volantes*, para mexer com os policiais que denominavam assim as suas frações móveis de tropa, não eram incursões aleatórias. Algum planejamento as antecedia, assuntando-se sobre a abertura dos caminhos, locais sujeitos a emboscada, presença de força policial próxima e sobretudo o levantamento dos ricos da terra. Não foi surpresa que entrassem na rua trazendo preso, montado em um cavalo, o capitalista do lugar, Firmino Cavalcanti, mais conhecido como Firmino de Salvador, dominado, com o

irmão, o velho Epifânio, em seu sítio Breu, um centro algo próspero de agricultura e de compra de couros e cereais. Muito ao estilo do bando de Lampião, vinham presos a resgate, cumprindo às famílias, além de levantar o dinheiro, arranjar um *positivo* de coragem que viajasse até encontrar o grupo e resgatar a vítima. Uma dificuldade, se considerarmos, além de tudo, que esse resgate não era menor que a quarta parte do valor de um automóvel à época, podendo ir, em alguns casos, ao dobro de tal valor. O equivalente a dois carros pela vida de fazendeiro próspero foi moeda comum no sertão dos Anos 20 e 30 do século passado. No tempo de Lampião.

Os bandidos, ágeis, saltam dos cavalos e vão ganhando as casas a chicotear a todos pela frente, aqui e acolá brandindo os fuzis sobre os mais apavorados, lançando ameaças, a população nivelada pelas denominações comuns de *fi' da peste, fi' d' uma égua, cão, amancebado, descarado*, ditas em altas vozes. O cangaceiro Serra de Fogo impressiona por gritar a cada instante: “Veja logo o dinheiro pr’ eu não ser mais ruim do que eu já sou!” Outra marca negativa vem das mulheres cangaceiras, que não poupam os chicotes no rosto e no lombo dos mais próximos, numa ação de gênero de todo incomum nos sertões.

O chefe Virgínio, faiscando de ouro sobre o traje colorido e imponente, exalta-se por não encontrar em casa o filho do prisioneiro Firmino, a quem incumbiria, no plano traçado, ir a Buíque levantar o dinheiro do resgate. O jovem Pedro de Albuquerque Cavalcanti achava-se no mato, *dando campo*, no traquejo do gado da família. No bando havia dez anos, desde quando enviudara de uma irmã de Lampião morta pela bubônica no Juazeiro do padre Cícero, Virgínio desce do burro e entra na casa de Pedrinho Salvador – como era conhecido – advertindo a mulher deste, d. Ester, com palavras graves. Botando os olhos muito vermelhos sobre esta, recomenda que Pedrinho “fôsse ver o dinheiro no Buíque assim que chegasse”. E se recosta numa mesa, servindo-se de cerveja quente, cara fechada, importante, parecendo consciente de seu absolutismo. Chumbinho bota a cara bexigosa na janela, avisando o chefe de que as montarias estavam cansadas. Este, numa demonstração de que o absolutismo tinha limite, chama um cabra para cuidar da devolução dos cavalos, mas “com cuidado, que são do coronel Arcelino de Brito”. Saindo à ruazinha de lama, Virgínio divulga entre os curiosos um rapaz alto, magro, novo de 22 anos, caboclo quase índio, a quem se dirige com energia:

– Venha cá, cabra! Se correr, morre!

O jovem, que jamais vira um cangaceiro em sua frente, no máximo os jagunços cordatos do coronel Félix de França e do capitão Antônio Leite, aproxima-se sem receio, sendo-lhe indagado se era da terra, ao que responde afirmativamente. Segue-se nova pergunta:

– Você sabe onde fica o Xilili? Quero que você me bote na estrada que vai para lá. E vamos logo, cabra!

Passando a perna no cavalo novo que recebera, apita chamando os companheiros. Para sua surpresa, o jovem – que sabia onde ficava o lugar – levado pela ingenuidade põe-se na frente dos cavalos e responde que ignorava aquele rumo. O chefe cangaceiro se enfurece, risca o cavalo e grita não entender como alguém dali não conhecesse o lugar procurado, próximo de onde se encontravam, segundo estava informado. Atordoado, o jovem mantém a negativa implausível. E o mundo lhe desaba sobre a cabeça, todo o seu futuro vindo a se definir nos poucos minutos que se seguem. É arrastado pelos cabras para trás de uma cerca, derrubado no chão a coice de fuzil e fica à espera do chefe, numa eternidade de segundos. Virgínio apeia calmamente, calça umas luvas amarelas e vai até as mulheres pedindo que procurassem uma sombra porque tinha que fazer “um serviço”. Uma destas lhe atira no rosto sem nenhum respeito:

– Que tanto “serviço” é esse, rapaz! Chega de tanto “serviço”!

Sem se alterar, o chefe vai até onde estava o jovem, levanta-o pela abertura da camisa, encara-o, e sentencia com uma dureza de Velho Testamento:

– Eu agora vou fazer um “serviço” em você mode você não deixar descendência de fãmia em riba do chão (sic). Desça as calças!

O rapaz cobre o rosto e cai, compreendendo finalmente no que se metera. Sai o grito:

– Valha-me Nossa Senhora!

E a resposta incrível:

– Ah, não tem o que fazer. É Nossa Senhora mesmo que está mandando.

O punhal longo corre rápido pela virilha da vítima e estoura o cinturão com movimento de alavanca. Calças arriadas, Virgínio ordena:

– *Segure (os testículos) senão eu toro com tudo (com o pênis)!*

Embainha o punhal de quatro palmos e dois dedos (seria perdido horas depois e recolhido à delegacia do Buíque) e bate mão de uma *peixeira*, faca ainda pouco conhecida no sertão à época. Um golpe só e o bandido tem nas mãos bolsa e testículos do jovem. Caminha, ainda lentamente, reingressa no arruado e chega à porta de d. Ester, com as mãos em concha ensangüentadas, e diz, educadamente:

– *Dona, eu tinha visto que a senhora estava com feijão no fogo. Quer os colhões de um porco?*

E despeja tudo na panela de barro, sem esperar resposta. O feijão espuma. A mulher agradece. Virgínio sai e vai juntar-se aos companheiros. Risadagem. De cima do cavalo, dirige-se ao jovem caído, a perder muito sangue, e receita exatamente a assepsia eficaz da vaqueirice:

– *Bote sal, cinza e pimenta!*

O lugar-tenente Moreno volta da rua, onde se detivera a ameaçar com o mesmo “serviço” ao também jovem Antônio Leite Cavalcanti, o Antônio Grosso, e ao prisioneiro Epifânio que, velho e desiludido de futuro, reage duramente ao bandido, caindo-lhe na admiração. Moreno grita na rua:

– *Oh, véio macho! Ninguém me toca mais num fio de cabelo dessa onça... Só assim eu vou sabendo que muié pariu home no Morro Redondo! (sic)*

Ao juntar-se ao grupo, Moreno já encontra o chefe aos safanões com um *paisano* acertado para guiá-los até a Serra do Coqueiro, mas que dizia não poder fazê-lo como o chefe queria: “sem cruzá cum rodage, tri’ de trem, linha de telegue nem cortá arame”. Uma aula de como a

geografia do cangaço empurrava cada vez mais seu elemento humano para os grotões arredados de todo progresso...

A custo, aceitam torar os arames de uma solta e se perdem para o norte, num chouto denotador de pouca preocupação com perseguidores.

No dia 25 do mesmo mês, vindo de Rio Branco (atual Arcoverde) na segunda classe do trem da Great Western, o jovem Manuel Luís Bezerra, o Mané Lulu, filho de Francelina e Luís Bezerra, naturais, como o filho, ali mesmo do Catimbau do Buíque, chegava ao Recife, ficando por um mês no Serviço de Pronto Socorro da Capital, após o que voltaria a pé para a sua residência.

O Morro Redondo ganhava uma espécie de eunuco.

Duas palavras para finalizar. Interessa pouco enquadrar o cangaço como expressão de criminalidade, embora isto seja perfeitamente possível no plano jurídico. O caráter público, ostensivo e franco da ação do cangaceiro – infenso à ocultação a partir do próprio traje – nos remete para algo mais profundo. Anterior à própria idéia de lei na Colônia surgida em 1500. E ligado continuamente, ao longo de cinco séculos, ao que temos considerado em nossos estudos o mito primordial brasileiro, vazado na frase exata dos primeiros reinóis que viram os habitantes do Brasil e que, atendendo à dupla sujeição a que vinham subordinados, a do papado romano e a da coroa portuguesa, encantaram-se em relatar para a Europa terem encontrado homens iguais a si, universais e ecumênicos, mas superiores num ponto capital: *eles vivem sem lei nem rei e são felizes*.

Pensamos que o mito dessa possibilidade de uma vida brasileira assim livre, solta, espontânea, esteja na raiz mais profunda do cangaço, dando como fruto uma espécie de mandato mais velho e mais forte que a própria norma penal positiva, sendo tal norma uma projeção de valores coloniais invadentes, em última análise. E na raiz não apenas do cangaço, fenômeno contínuo em nossa história desde a Capitania, mas também na dos levantes indígenas, dos quilombos negros e até das revoluções sociais de forte presença branca, movimentos intermitentes mas de recorrência regular em nossa história. O cangaço não é, assim, uma teratologia senão a expressão mais agreste de um irredentismo reagente à invadência colonial européia, com seus valores de estratificação social rígida, escala, acumulação, lucro, remorso, horário, calendário, evolução temporal linear, pontualidade, beija-mão à coroa, temor a um papado inquisitorial. Seria uma janela aberta para o instinto brasileiro profundo. Tão de ontem. Tão de hoje. Talvez de sempre.

E agora uma constatação. Também uma curiosidade. Todo o

quadro de punições do cangaço não é senão a transposição para a subcultura cangaceira de procedimentos empregados pelo vaqueiro no dia-a-dia do trato com o gado. Assim, o *senal*, a individualizar por cortes nas orelhas o gado pequeno, a ovelha ou a cabra, a *miunça* do falar sertanejo. Ou o *ferro*, a queimar o pêlo do gado graúdo, deixando a marca indelével do dono. Ou, ainda, o *sangramento* do gado miúdo, pela introdução de instrumento perfurante no que corresponde, no homem, à fossa supraclavicular. Ou, por fim, a *capação*, aqui relatada, em tudo similar à que se faz com o bode, por exemplo.

Quase dono do mundo, vivendo sem lei nem rei como os seus ascendentes de cinco séculos, o cangaceiro confirmava com gestos a condição real de vaqueiro de gente. De humanos. De mortais iguais a si, dos quais distanciava-se pela sintonia com o instinto brasileiro profundo, com o mito primordial da *terra brasilis*, investindo-se de mandato antiquíssimo que o levava, e à gesta poética ao seu redor, ao delírio de se supor apartado da categoria da morte.

FONTES

Chegou ao Recife uma das vítimas de Lampião, *Diário de Pernambuco*, 26 de maio de 1936.

Como agem os bandidos, *Diário de Pernambuco*, 14 de junho de 1936.

Depoimento de Manuel Dantas Loiola (ex-cangaceiro de Lampião e afilhado de Virgínio) ao autor, São Domingos de Buíque, Pernambuco, 7 de junho de 1985.

Depoimento de Manuel Luís Bezerra (a vítima) ao autor, Buíque, Pernambuco, 27 de abril de 1987.

Depoimento de Josefa Bezerra (irmã da vítima) ao autor, mesmos local e data do item *d*.

Depoimento de Pedro de Albuquerque Cavalcanti (Pedrinho Salvador) ao autor, mesmos local e data do item *d*.

Depoimento de Antônio Leite Cavalcanti (Antônio Grosso) ao autor, mesmos local e data do item *d*.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do sol – o banditismo no Nordeste do Brasil*. Recife: Ed. Massangana – Fundação Joaquim Nabuco, 1985.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Quem foi Lampião*. Recife; Zürich: Stähli Edition, 1993.

O autor agradece à equipe do posto médico do Catimbau, de Buíque, Pernambuco, o apoio que lhe permitiu, quando do levantamento dos fatos aqui narrados, fazer a constatação anatômica da lesão sofrida por Manuel Luís Bezerra.

fpmello@fundaj.gov.br.

ABSTRACT

The real emasculation at the cangaço: preview note to a study of case. As the title suggests tells a act of castration make by Virginio Fortunato, in the district of Buique, state of Pernambuco putting it not in loyal criminal context but in the plane of the myth expressed by the phrase which characterized the first inhabitant of Brazil "They live without law nor king but are happy". Theorize that the phenomenon of cangaço would be the expression more rough of a reactive irredentism face to the European colonial invasion" "an opened window to the deep Brazilian instinct.

Key words: cangaço, Pernambuco, myth, banditry, violence.

RESUMÉ

L'émasculation réelle dans le cangaço: note préliminaire à l'étude de ce fait. (de Frederico Pernambucano de Mello.)

Comme le suggère le titre, l'auteur relate l'épisode d'émasculation perpétré par le fameux cangaceiro Virginio Fortunato, dans la commune de Buique, Etat de Pernambouc, en se plaçant non dans un contexte juridico-criminel, mais sur le plan du mythe exprimé par la phrase qui caractérise les premiers habitants du Brésil: "Ils vivent sans roi ni loi et sont heureux!" Il développe la théorie selon laquelle le phénomène du cangaço serait "l'expression la plus agreste d'un irrédentisme en réaction contre l'invasion coloniale européenne", "une fenêtre ouverte sur l'instinct brésilien profond".

Mots-clés: cangaço, Pernambuco, mythe, banditisme, violence.